

POR QUE O BRASIL PRECISA DE SUBMARINO NUCLEAR?

JOÃO PAULO MOREIRA BRANDÃO
CMG(RRM)-Professor Adjunto da EGN

I - Introdução

Em recente entrevista concedida ao periódico "Defence News", o Ministro da Marinha foi desafiado pelo entrevistador americano com a pergunta-título do presente artigo. Se o Entrevistado pudesse ter-se despedido do formalismo que a ocasião impunha, sua resposta, com toda certeza, refutaria, à altura, a mal disfarçada arrogância embutida na pergunta.

Ao ler a entrevista, esta e outras certezas me alertam para o fato de que bem poucos brasileiros encontrariam argumentos convincentes para circunstanciar a resposta, na forma de um artigo.

Nenhum de nós, integrantes que somos da comunidade naval, ignora que programas de renovação de meios flutuantes são subprodutos do planejamento estratégico de todas as Marinhas. Contudo, a prática tem demonstrado que nosso processo de planejamento estratégico não parece contar com a consistência requerida para absorver mudanças políticas, assim como não é suficientemente dinâmico, para conviver com as oscilações financeiras de uma economia de Terceiro Mundo.

O projeto do submarino nuclear nacional (SNN) - fruto muito mais da obstinação de uns poucos, do que da identificação de uma necessidade compartilhada pela consciência naval - embora sofrendo retardamentos, vem resistindo a esses e outros tipos de percalços.

Sua continuidade e aceleração, contudo, dependem de uma vontade política, respaldada no reconhecimento do verdadeiro valor estratégico do SNN, com vista à preservação da Soberania Nacional.

Foi com o intuito de contribuir para o enriquecimento da argumentação em favor do SNN que decidi alinhar umas tantas idéias, amadurecidas que foram ao longo dos últimos vinte anos, nos quais me dediquei ao estudo da questão, tanto oficialmente, quanto extra-oficialmente.

II - O que esperar do SNN

Diante da atual conjuntura, somos compelidos a admitir que compete às nossas Forças Armadas, acima de tudo, contribuir para a continuidade do processo democrático, sem contudo se deixarem contagiar pela inebriante perspectiva de uma nova e inédita ordem política mundial, capaz de reservar-lhes o papel secundário de milícias da paz.

A história nos tem mostrado que quanto mais despreparada militarmente estiver uma Nação, maiores serão as possibilidades de se ver envolvida em conflitos armados. Nem mesmo tratados, alianças com parceiros poderosos ou pretensas neutralidades, têm sido capazes de obstar agressões, cujos efeitos, hoje mais do que nunca, se delineiam avassaladores. Assim aconteceu com a Polônia, durante a 2ª GM; com o Líbano, nos conflitos palestino-israelenses; com o Kuwait, na Guerra do Golfo e, mais recentemente, com os povos da ex-Iugoslávia.

Imaginar que tal tendência possa sofrer uma reversão brusca é, não apenas uma utopia, como também, uma irresponsabilidade!

Acreditamos, pois, que o mundo contemporâneo não mais nos permita planejar segundo as clássicas hipóteses de guerra (HG), uma vez que os últimos conflitos desconsideraram antigas afinidades, da mesma forma com que contornaram tradicionais antagonismos. Se existe algo capaz de orientar o preparo do Poder Naval para conviver com ta-

manhas incertezas, este algo é, sem sombra de dúvida, a vulnerabilidade de nossas fronteiras marítimas. Qualquer tipo de contestação à nossa soberania há que partir do mar, seja por sua disputa, seja dele fazendo uso como caminho natural.

Desponta então o valor do **SNN** como elemento essencial de dissuasão!

III - O poder dissuasório intrínseco do SNN

Considerando suas características mais marcantes: a **discrição**, a **mobilidade** e a **autonomia**, podemos vislumbrar a capacitação **ímpar** do submarino nuclear para atuar como elemento de negação do uso do mar, ao menor sinal de uma crise. A disponibilidade de um único submarino com propulsão nuclear constitui fator inibidor de atitudes hostis em qualquer teatro marítimo, dado aos problemas de aceitabilidade com que se defrontará o agressor.

Esse poder dissuasório cresce exponencialmente com o número de submarinos disponíveis, sendo que a disponibilidade, por seu turno, é função linear da quantidade de submarinos existentes. Como o desejado efeito dissuasório não está limitado no tempo, somos levados a concluir que não nos basta construir um único **SNN**.

Como o presente artigo não se propõe a quantificar as necessidades da MB e sim defender a eficácia do **SNN** como meio imprescindível à sua Missão, parece apropriado tecer algumas considerações sobre o que significa eficácia, diante do propósito buscado.

Poder-se-ia tentar traduzi-la como o quociente entre as potencialidades do submarino e os riscos a que será submetido.

Ora, um submarino nuclear de ataque da atual geração.

ainda que fazendo uso de armamento convencional, é um combatente eficaz contra forças de superfície consideravelmente superiores. em razão de asseguradas vantagens em detecção e em mobilidade e do elevado poder de destruição dos torpedos anti-superfície.

No que concerne ao confronto com seus semelhantes, o resultado favorece aquele que tomar a iniciativa das ações, iniciativa essa, função exclusiva da vantagem em detecção. Tal vantagem pode ser assegurada por seu posicionamento, em tudo facilitado pela condição de guardião de uma fronteira marítima, também passível de preestabelecimento.

Podemos, assim, inferir que é possível dotar o SNN de elevada potencialidade, mediante um adequado balanceamento entre propulsão, armamento e sensores.

Quanto aos riscos, propositalmente enunciados como "divisor" na equação de eficácia, poderão sempre ser minimizados, por meio de uma competente manipulação. O submarino é o único meio naval capaz de, a um só tempo, exercer ação de presença estando ausente, e punir exemplarmente todo aquele que duvidar de sua presença, quando de fato ela existir!

Os resultados alcançados pela "Royal Navy". no conflito Malvinas/Falklands. ilustram a afirmativa acima.

De início, a promulgação da Zona de Exclusão ao redor das ilhas respaldava-se na anunciada presença de três submarinos nucleares de ataque na área, quando na realidade apenas um deles lá se encontrava. Posteriormente, este mesmo submarino foi autorizado a atacar o "CL Belgrano". fora da Zona de Exclusão, com o propósito único e vitorioso de dissuadir a Marinha Argentina de empregar seus navios capi-

tais. Na realidade, um grande engodo, posto que a plataforma continental patagônica constitui, por si mesma, extraordinária proteção anti-submarino e delimita uma extensa área a salvo da ameaça configurada pelos nucleares, exceto na região onde se encontrava o malfadado cruzador.

Em acréscimo, deixamos à critério do leitor conjecturar sobre o rumo que poderia ter tomado a "Guerra do Golfo", caso Saddam Hussein contasse com um único submarino nuclear!?

IV - Conclusão

Não parece difícil entender porque o SNN enfrentou, vem enfrentando e, certamente, terá ainda que superar óbices de toda natureza, ditados pelos mais diversificados e disfarçados interesses, que guardam entre si uma única similaridade: o fato de serem todos alienígenas.

Cabe à MB, portanto, a maior parcela de responsabilidade na contraposição desses interesses, não só por dever de fidelidade à sua missão constitucional, como também por reunir as melhores qualificações técnicas e morais para fazê-lo.

Por assim entender a questão, optamos por endereçar este artigo a um público-alvo bastante restrito, como são os leitores da Revista da EGN, na certeza de que saberão interpretá-lo sem distorções e dele tirarem o melhor proveito possível.